

O  
REFORMISTA

13 DE JULHO  
DE 1850

JOURNAL POLITICO, LITERARIO, E COMERCIAL.

**3** Impression of a very old rock-crystallized sandstone.  
**4** Very similar to a sample in Hergenroth.

~~Poder-se-á obter a fotografia de P. E. ou Dr. e. Camp. na rua da Arca n.º 25; e abra, por ora, quando for possível, Preço da assinatura 20 reis, ditos 10 numeros; vênia e árvore, da Cidade Alta, 1/2a do St. Antônio da Silva, entroncada com o Doutor, rua Direita, na fachada lateral, da Rua de St. Francisco, Praça Prazeres, 100; a 100 reis a folha, em comunicações, e correspondências de interesse particular terão desconto gratis em que não forem destinadas que se justificarem, vindo toda legalizada.~~

# O REFORMISTA.

Leião os homens de zappingados e impáciaes.

CARTA QUE O SR. PEDRO IVO DIRIGIU AO  
SR. GONCALVES MARTINS.

a Ilmo e Exmo Sr. conselheiro Francisco Gonsalves  
Martins.

«Estimamos que V. Ex. tenha gozado saude e felicidades.

- a. Não erão som-toda a razão os receios que tínhamos, e que os manifestamos a V. Ex. na Província da Bahia, ainda no dia de nossa partida : mais deriu-nos confirmar em V. Ex., que tantas vezes lhe inscrevemos que a nossa sorte estaria liquidada de V. Ex. : porem Exmo Sr. presidente, tudo fôrmos ilusões, e nós jazemos em um pequeno quarto com uma sentinelha à vista, e privados de tudo, mesmo dos mais necessários, pois até o nosso escravo nem ao portão da fortaleza pôde chegar para o nosso serviço.

" Terá V. Ex. visto o decreto que nos mandaram para assinar; o que recusamos, por já termos recusado melhores condições dadas pelo presidente de Pernambuco, e apresentamos o RESULTADO do que se nos prometia em nome de V. Ex., em quein luce confiamos.

"Aqui, em em quaisquer parte que o destino nos  
encontrar, (C. Clara) V. Ex. com a diminuta presunção de  
que sou seu f. Bx: amigos, triados, embriagados."

a Fortaleza de Santa Cruz, 9 de maio de 1850.  
Pedro Ivo Vellozo da Silveira, " Miguel Afonso  
Fonseca,

## **EXPOSIÇÃO DOS SRS. CAPITÃO PIERO IPO.**

#### **• Nigore Attendo**

<sup>2</sup> "No dia 21 de Janeiro do Corrente anno 101  
me dirigio a tua carta de meu M<sup>r</sup>, dizendo-me que  
ela não era de Japão; que queria ter visto mais  
fechado, para lhe mandar o dia e hora que o en-  
controu; e que me respondesse o dia 23 de Fevereiro  
para que eu tivesse tempo de te responder a meu propósito.

ta, dirigiu-se ao arampanhamento do general Coelho  
e pedir-lhe um passe para poder ir ao lugar des-  
tinado: e nesse transito, que era inteiramente diver-  
so do que devia seguir para o encontro, sofreu fogo  
de uma guerrilha que eu tinha na vespresa manda-  
do ali constar para fazer fogo a quem passasse, por  
serem todos os viandantes daquelle lugar pertencen-  
tes ao governo; infelizmente quem ali passou de-  
ois de collocada a guerrilha, foi meu pai: não sendo  
conhecido pelas pessoas da guerrilha, fizeram-lhe fo-  
go, e teve de cahir ferido; mas logo que o Dr. Ma-  
nuel Rodrigues Teixeira Oficial, que por parte do pre-  
sidente das Alagoas tinha acompanhado a menção  
gritou que não afirassém que era meu pai as pessoas da  
guerrilha deixaram de atirar e retiraram-se: meu pai  
foi recolhido a uma casa perto do lugar em que es-  
tava a guerrilha, donde se achava refugiada a mi-  
nha família, e de nito sigto, que não podendo mor-  
rer em suas propriedades conjuntamente com a sol-  
tadeira do governo, tinha procurado abrigo nessa pe-  
quena casa ou cheupana.

\* Passados dias, recebi uma carta do commandante da força das Alagoas, Juze Rodrigues Leite Pilanga, mano do Dr. Oliveira, dizendo-me que tanto se interessava pelo meu bem estar e de meus compatriotas, quanto se interessavam meu pai e seu irmão, e que se eu quizesse ter a entre-vista com meu pai pelo lago das Alagoas, ele tinha meios para sem risco meu poder realizar-se o encontro. Respondi-lhe agradeço que desejava ter o encontro com meu pai, e agradecendo os seus oferecimentos. Ele mandou levar minha carta a meu pai, e este escreveu-me dizendo que lhe marcassem novo lugar e dia para termos o encontro, e logo partiu do caselhe para Jacuipe ( província das Alagoas ), lugar em que estava acampado o dito Pilanga, e pessoa de bastante probidade: respeitou a meu pai, marcando o dia 16 de setembro no lugar denominado Frio. No dia aprazido, tivemos o encontro, que durou 24 horas, tendo em sua companhia tres pessoas das que saiu Frio das malhas, e ficaram na Bahia; meu pai é comandado pelo dito Dr. Oliveira e duas outras forças das Alagoas, mas todos foram testemunhas do que se passou, somando parte no negocio o mesmo

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
MUNICÍPIO DE SANTO ANDRÉ  
ESTADO DE SÃO PAULO

lherguem as armas, e sigão comigo para a Bahia, que nem logo para a Bahia em um navio mercante; mas quando dissesse que o Sr. Presidente de Pernambuco era, e serão amnistados. - Respondi-lhe que amnistia só para mim não queria e nem precisava, "só sendo general;" - respondendo-me que ela seria geral, e que toda essa segurança lhe era dada pelo Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e pelo Sr. presidente das Alagoas, que também a isso se prestava, que também me foi assegurado pelo dito Dr. Otávio, que por parte do presidente das Alagoas tinha acompanhado a meu pai para esse serviço. Minha resposta foi que consultaria aos mais companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves, ao que elles anuirão: fiz-lhes imensas reflexões, e meu pai cada vez mais me assegurava a certeza das promessas, e que a elas não faltaria o Sr. Gonsalves Martins; que nesse negócio havia já muita gente interessada, além dos dois presidentes, e que os mesmos presidentes tinham levado ao conhecimento do governo tudo quanto a respeito se havia passado, assim assimas primitas cartas, que tinham sido entregues ao presidente da Alagoas.

Consultei aos mencionados companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves: anuirão, sendo, como já disse, a amnistia geral. Respondi a meu pai que os dous companheiros haviam anuirado, e que em consequência seguiu naquela data (19 de fevereiro) Miguel Alfonso e outros; e que eu e Caetano Alves fizeramos ali de acabando e debandar, e de caminhar a gente que tínhamos da prometida amnistia, pois meu pai ali me havia asseverado que a penas constavam no governo que eu tinha saído das matas, não seria perseguido o povo, devendo este occultar-se até que amparasse aquele acto; as palavras de meu pai foram desde logo contrariadas pelos factos neste ocorrimento, por quanto, apenas o presidente de Pernambuco soube já não existir gente armada nas matas, mas augurou as perseguições, e não só nessa parte da província como em toda ella.

A Demorei-me na mata mais dias do que supunha, fazendo o completo debandamento da gente, e meu pai veio que o tempo se ia passando, mandou o referido Dr. Otávio de Jacuípe para sair comigo, dizendo-lhe o mesmo d'utor, que o Sr. presidente das Alagoas dava toda a pressa, porque qualquer demora podia transformar todo o plano; e isto mesmo eu vi em uma carta do referido presidente dirigida a meu pai, que me fiz apresentar, bem como outra do general Seara também dirigida a meu pai, dizendo que quando saiu da Bahia para Pernambuco já sabia o fim a que elle tinha ido, porque h'ho havia comunicado o Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e que a isso elle generalmente anuiria. Devo notar que a minha estada em Jacuípe foi de 24 horas, e dentro do acampamento da f'rea das Alagoas; parti de Jacuípe no dia 28 de fevereiro, cheguei ao engenho Mundau, propriedade do mencionado Dr. Otávio, no dia 3 de março; no dia seguinte o dito doutor foi dar parte ao Sr. presidente de nossa chegada, tendo já antes mesmo no caminho partijado que no mesmo dia 3 chegavam os somos informados pelo mesmo doutor, que o Sr. presidente muito se alegrava com a nossa chegada, e no dito engenho f'mos conservados em toda a liberdade. É de notar que meu pai não nos acompanhou de Jacuípe para o engenho Mundau por ainda estar muito doente dos ferimentos, e por ter de entender-se com o cunhado José Pedro Velloso da Silveira sobre negócios particulares.

O ex. presidente das Alagoas quiz que nós seguís-

mos logo para a Bahia em um navio mercante, mas quando dissesse que o Sr. Presidente de Pernambuco era, e serão amnistados. - Respondi-lhe que amnistia só para mim não queria e nem precisava, "só sendo general;" - respondendo-me que ela seria geral, e que toda essa segurança lhe era dada pelo Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e pelo Sr. presidente das Alagoas, que também a isso se prestava, que também me foi assegurado pelo dito Dr. Otávio, que por parte do presidente das Alagoas tinha acompanhado a meu pai para esse serviço. Minha resposta foi que consultaria aos mais companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves, ao que elles anuirão: fiz-lhes imensas reflexões, e meu pai cada vez mais me assegurava a certeza das promessas, e que a elas não faltaria o Sr. Gonsalves Martins; que nesse negócio havia já muita gente interessada, além dos dois presidentes, e que os mesmos presidentes tinham levado ao conhecimento do governo tudo quanto a respeito se havia passado, assim assimas primitas cartas, que tinham sido entregues ao presidente da Alagoas.

Consultei aos mencionados companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves: anuirão, sendo, como já disse, a amnistia geral. Respondi a meu pai que os dous companheiros haviam anuirado, e que em consequência seguiu naquela data (19 de fevereiro) Miguel Alfonso e outros; e que eu e Caetano Alves fizermos ali de acabando e debandar, e de caminhar a gente que tínhamos da prometida amnistia, pois meu pai ali me havia asseverado que a penas constavam no governo que eu tinha saído das matas, não seria perseguido o povo, devendo este occultar-se até que amparasse aquele acto; as palavras de meu pai foram desde logo contrariadas pelos factos neste ocorrimento, por quanto, apenas o presidente de Pernambuco soube já não existir gente armada nas matas, mas augurou as perseguições, e não só nessa parte da província como em toda ella.

A Demorei-me na mata mais dias do que supunha, fazendo o completo debandamento da gente, e meu pai veio que o tempo se ia passando, mandou o referido Dr. Otávio de Jacuípe para sair comigo, dizendo-lhe o mesmo d'utor, que o Sr. presidente das Alagoas dava toda a pressa, porque qualquer demora podia transformar todo o plano; e isto mesmo eu vi em uma carta do referido presidente dirigida a meu pai, que me fiz apresentar, bem como outra do general Seara também dirigida a meu pai, dizendo que quando saiu da Bahia para Pernambuco já sabia o fim a que elle tinha ido, porque h'ho havia comunicado o Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e que a isso elle generalmente anuiria. Devo notar que a minha estada em Jacuípe foi de 24 horas, e dentro do acampamento da f'rea das Alagoas; parti de Jacuípe no dia 28 de fevereiro, cheguei ao engenho Mundau, propriedade do mencionado Dr. Otávio, no dia 3 de março; no dia seguinte o dito doutor foi dar parte ao Sr. presidente de nossa chegada, tendo já antes mesmo no caminho partijado que no mesmo dia 3 chegavam os somos informados pelo mesmo doutor, que o Sr. presidente muito se alegrava com a nossa chegada, e no dito engenho f'mos conservados em toda a liberdade. É de notar que meu pai não nos acompanhou de Jacuípe para o engenho Mundau por ainda estar muito doente dos ferimentos, e por ter de entender-se com o cunhado José Pedro Velloso da Silveira sobre negócios particulares.

O ex. presidente das Alagoas quiz que nós seguís-

mos logo para a Bahia em um navio mercante, mas quando dissesse que o Sr. Presidente de Pernambuco era, e serão amnistados. - Respondi-lhe que amnistia só para mim não queria e nem precisava, "só sendo general;" - respondendo-me que ela seria geral, e que toda essa segurança lhe era dada pelo Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e pelo Sr. presidente das Alagoas, que também a isso se prestava, que também me foi assegurado pelo dito Dr. Otávio, que por parte do presidente das Alagoas tinha acompanhado a meu pai para esse serviço. Minha resposta foi que consultaria aos mais companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves, ao que elles anuirão: fiz-lhes imensas reflexões, e meu pai cada vez mais me assegurava a certeza das promessas, e que a elas não faltaria o Sr. Gonsalves Martins; que nesse negócio havia já muita gente interessada, além dos dois presidentes, e que os mesmos presidentes tinham levado ao conhecimento do governo tudo quanto a respeito se havia passado, assim assimas primitas cartas, que tinham sido entregues ao presidente da Alagoas.

Consultei aos mencionados companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves: anuirão, sendo, como já disse, a amnistia geral. Respondi a meu pai que os dous companheiros haviam anuirado, e que em consequência seguiu naquela data (19 de fevereiro) Miguel Alfonso e outros; e que eu e Caetano Alves fizermos ali de acabando e debandar, e de caminhar a gente que tínhamos da prometida amnistia, pois meu pai ali me havia asseverado que a penas constavam no governo que eu tinha saído das matas, não seria perseguido o povo, devendo este occultar-se até que amparasse aquele acto; as palavras de meu pai foram desde logo contrariadas pelos factos neste ocorrimento, por quanto, apenas o presidente de Pernambuco soube já não existir gente armada nas matas, mas augurou as perseguições, e não só nessa parte da província como em toda ella.

A Demorei-me na mata mais dias do que supunha, fazendo o completo debandamento da gente, e meu pai veio que o tempo se ia passando, mandou o referido Dr. Otávio de Jacuípe para sair comigo, dizendo-lhe o mesmo d'utor, que o Sr. presidente das Alagoas dava toda a pressa, porque qualquer demora podia transformar todo o plano; e isto mesmo eu vi em uma carta do referido presidente dirigida a meu pai, que me fiz apresentar, bem como outra do general Seara também dirigida a meu pai, dizendo que quando saiu da Bahia para Pernambuco já sabia o fim a que elle tinha ido, porque h'ho havia comunicado o Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e que a isso elle generalmente anuiria. Devo notar que a minha estada em Jacuípe foi de 24 horas, e dentro do acampamento da f'rea das Alagoas; parti de Jacuípe no dia 28 de fevereiro, cheguei ao engenho Mundau, propriedade do mencionado Dr. Otávio, no dia 3 de março; no dia seguinte o dito doutor foi dar parte ao Sr. presidente de nossa chegada, tendo já antes mesmo no caminho partijado que no mesmo dia 3 chegavam os somos informados pelo mesmo doutor, que o Sr. presidente muito se alegrava com a nossa chegada, e no dito engenho f'mos conservados em toda a liberdade. É de notar que meu pai não nos acompanhou de Jacuípe para o engenho Mundau por ainda estar muito doente dos ferimentos, e por ter de entender-se com o cunhado José Pedro Velloso da Silveira sobre negócios particulares.

O ex. presidente das Alagoas quiz que nós seguís-

mos logo para a Bahia em um navio mercante, mas quando dissesse que o Sr. Presidente de Pernambuco era, e serão amnistados. - Respondi-lhe que amnistia só para mim não queria e nem precisava, "só sendo general;" - respondendo-me que ela seria geral, e que toda essa segurança lhe era dada pelo Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e pelo Sr. presidente das Alagoas, que também a isso se prestava, que também me foi assegurado pelo dito Dr. Otávio, que por parte do presidente das Alagoas tinha acompanhado a meu pai para esse serviço. Minha resposta foi que consultaria aos mais companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves, ao que elles anuirão: fiz-lhes imensas reflexões, e meu pai cada vez mais me assegurava a certeza das promessas, e que a elas não faltaria o Sr. Gonsalves Martins; que nesse negócio havia já muita gente interessada, além dos dois presidentes, e que os mesmos presidentes tinham levado ao conhecimento do governo tudo quanto a respeito se havia passado, assim assimas primitas cartas, que tinham sido entregues ao presidente da Alagoas.

Consultei aos mencionados companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves: anuirão, sendo, como já disse, a amnistia geral. Respondi a meu pai que os dous companheiros haviam anuirado, e que em consequência seguiu naquela data (19 de fevereiro) Miguel Alfonso e outros; e que eu e Caetano Alves fizermos ali de acabando e debandar, e de caminhar a gente que tínhamos da prometida amnistia, pois meu pai ali me havia asseverado que a penas constavam no governo que eu tinha saído das matas, não seria perseguido o povo, devendo este occultar-se até que amparasse aquele acto; as palavras de meu pai foram desde logo contrariadas pelos factos neste ocorrimento, por quanto, apenas o presidente de Pernambuco soube já não existir gente armada nas matas, mas augurou as perseguições, e não só nessa parte da província como em toda ella.

A Demorei-me na mata mais dias do que supunha, fazendo o completo debandamento da gente, e meu pai veio que o tempo se ia passando, mandou o referido Dr. Otávio de Jacuípe para sair comigo, dizendo-lhe o mesmo d'utor, que o Sr. presidente das Alagoas dava toda a pressa, porque qualquer demora podia transformar todo o plano; e isto mesmo eu vi em uma carta do referido presidente dirigida a meu pai, que me fiz apresentar, bem como outra do general Seara também dirigida a meu pai, dizendo que quando saiu da Bahia para Pernambuco já sabia o fim a que elle tinha ido, porque h'ho havia comunicado o Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e que a isso elle generalmente anuiria. Devo notar que a minha estada em Jacuípe foi de 24 horas, e dentro do acampamento da f'rea das Alagoas; parti de Jacuípe no dia 28 de fevereiro, cheguei ao engenho Mundau, propriedade do mencionado Dr. Otávio, no dia 3 de março; no dia seguinte o dito doutor foi dar parte ao Sr. presidente de nossa chegada, tendo já antes mesmo no caminho partijado que no mesmo dia 3 chegavam os somos informados pelo mesmo doutor, que o Sr. presidente muito se alegrava com a nossa chegada, e no dito engenho f'mos conservados em toda a liberdade. É de notar que meu pai não nos acompanhou de Jacuípe para o engenho Mundau por ainda estar muito doente dos ferimentos, e por ter de entender-se com o cunhado José Pedro Velloso da Silveira sobre negócios particulares.

O ex. presidente das Alagoas quiz que nós seguís-

mos logo para a Bahia em um navio mercante, mas quando dissesse que o Sr. Presidente de Pernambuco era, e serão amnistados. - Respondi-lhe que amnistia só para mim não queria e nem precisava, "só sendo general;" - respondendo-me que ela seria geral, e que toda essa segurança lhe era dada pelo Sr. presidente da Bahia, Francisco Gonsalves Martins, e pelo Sr. presidente das Alagoas, que também a isso se prestava, que também me foi assegurado pelo dito Dr. Otávio, que por parte do presidente das Alagoas tinha acompanhado a meu pai para esse serviço. Minha resposta foi que consultaria aos mais companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves, ao que elles anuirão: fiz-lhes imensas reflexões, e meu pai cada vez mais me assegurava a certeza das promessas, e que a elas não faltaria o Sr. Gonsalves Martins; que nesse negócio havia já muita gente interessada, além dos dois presidentes, e que os mesmos presidentes tinham levado ao conhecimento do governo tudo quanto a respeito se havia passado, assim assimas primitas cartas, que tinham sido entregues ao presidente da Alagoas.

Consultei aos mencionados companheiros Miguel Alfonso e Caetano Alves: anuirão, sendo, como já disse, a amnistia geral. Respondi a meu pai que os dous companheiros haviam anuirado, e que em consequência seguiu naquela data (19 de fevereiro) Miguel Alfonso e outros; e que eu e Caetano Alves fizermos ali de acabando e debandar, e de caminhar a gente que tínhamos da prometida amnistia, pois meu pai ali me havia asseverado que a penas constavam no governo que eu tinha saído das matas, não seria perseguido o povo, devendo este occultar-se até que amparasse aquele acto; as palavras de meu pai foram desde logo contrariadas pelos factos neste ocorrimento, por quanto, apenas o presidente de Pernambuco soube já não existir gente armada nas matas, mas augurou as perseguições, e não só nessa parte da província como em toda ella.

(Continuar-se-há.)

(Do Grito Nacional.)

## COMUNICADO.

O nosso Estado é realmente para temer e horrorizar os maus principios como que tem um poderio exclusivo, principalmente entre os que exercem autoridade pública; e, por desgraça, os abusos, as perseguições, as torpezas e vandalmos são sempre as consequências das suas principais intenções. No dia 29 de Setembro de 1818, aquelle que, principalmente no centro, não tiver o mesmo encantamento, os mesmos principios dos governadores locais, deve de ficar certo, que o mais certo em mais tarde sofrerá as iras dos que, sem quererem o reconhecimento público, se querem tornar ressentidos, ou que a imortalidade tem invadido os grandes e iniquos funcionários. Em 2.º lugar, o que não saem como axomas, que inverte o g'overno, e perde as eleições. Igreja é venerada sem escolha, e metas e os maiores profetas para isto conseguem apesar de os homens rancorosos, perversos, perniciosos, inimigos públicos, e que, com esferas de audição para os seus crimes, são capazes de tudo trair, e em tanto que desempenham a sua função, que é encarregado de fazer justiça, e que é a maior glória de um Estado é realmente para temer.

E os regulares-soldados vivem rodeados de assassinatos, de roubos, de b'rtazos, de b'rtazos, de crimes, os quais só tem arrepios, nascendo publicamente, e de vez em quando vao levar o susto, o terror e a morte a qualquer parte, em que os humanos sentidos de ferocia e as vinganças de seus amigos preparam-se. De uma eleição pais assim faltam não se pode crer que resultem; e o g'overno, que naturalmente vêejá augmentar seu poder e autoridade, não pode arreciar-se dumelles, que, sendo seus criadores e os juizes, tecem toda via deveres, sem existência legal! Cominha mais o executivo, sem obterlo na estrada das usurpações; e subtraem-se o p'bro a poucos os maiores poderes, fazendo os outros a facerem tal, de que precisa para que se estabeleça no país sua ação benfica, se é uma entidade temporal o único poder do Estado, só de qual se pode esperar o bem, ou temer o mal.

Se alguma se der ao trabalho de analisar o estado presente e impossível de comparar a segurança individual, que agora há em aquela que é ista imortalidade colonial, concreta que a vantagem está em favor o sistema, com que f'ra educados nessos maiores.

E inter-se-há com justiça atribuir os males que operam na sociedade a raiz, e sem q' nos rege? Não, absolutamente não. Nossa terra tem como característica o sistema constitucional representativo; nossas leis são em geral boas; mas sua execução não pode ser pior. Os homens que são colocados no poder, devem ser pelo espirito de partido, esquecem os deveres e só tratam de trair as suas em favor dos seus amigos, e nefícios, o maquinismo constitucional se vai para o p'bro desorganizando, e não fará muito que o executivo, publicando seus comandos, apoiado na força material, impõe sua vontade carixosa, e se faça unicamente respeitar, e obedecer pelo terror de seus actos.

O que serão nós em tais circunstâncias as leis? palavras nullas, e sem significado, das quais sómente se servir o os agentes públicos quando com elas mesmas poderem fazer o mal. E os direitos dos cidadãos, que garantias terão? aquellas que lhes querer dar a vontade perversa dos agentes do poder usurpador; e então ter-se-há de fato um governo absoluto sob as formulações representativas.

Se com justiça absoluta se não pode exclusivamente altruir o que acabamos de dizer a esta ou aquela política, que por diversas vezes tem sido chama-

izada para dirigir os destinos do país, nenhuma certamente valora em boa fé contestar, que é a política dominante, que maior somma de malho tristeza pesar sobre o pobre Brasil. Egos de antigas e de poder, os directores dessa política procurão sempre costurar a liberdade do povo, e estender as atribuições do executivo, pela falsa perspectiva em que estão de que a ordem e tranquilidade pública são incompatíveis com maior parção de liberdade concedida ao povo; e a consequência tem sido a acumulação de um poder quase ilimitado no mesmo executivo, e a violencia e a compressão fazem reinar a tranquilidade dos tumultos!!!

E com essa ideia fixa e sempre dominante na política actual, que, durante seu reinado, a constituição tem sofrido mais feridas; e que respostas as leis de interpretação do acto addicional, de reforma do Código, e muitas outras. E durante essa política que o thesouro tem enteado, que a dívida interna e externa ha crescido em muitos milhões, que a despesa se ha aumentado de uma maneira espantosa, e que a guerra civil tem feito os maiores estragos, ensopando, o orçezo sangue de muitos milhares dos nossos irmãos, o solo brasileiro! E o princípio que não merece contestação, que quando um povo se revolta e põe muitas e repetidas vezes a por que não vive feliz, sendo o crime do e perseguido pelos mesmos, que tem sua resticta obrigação de fazê-lo viver.

Nos consideramos o Brazil em hemeráticas e lamentáveis circunstâncias - não sabemos donde não possa vir o remedio com a presteza, que se faz mister; o povo rada pode melhorar, porque a liberdade do voto é hoje uma garantia, que não passa da lei, em que está escrita; e o poder tem muito orgulho e ambição; para não ceder alguma parte de autoridade de que se baja pela força apoderado; a impunidade cresce todos os dias, a arbitragem reina em toda parte, ostenta-se com o maior descaramento o desrezo pelas leis; o governo e presidentes de províncias crião empregos, marcam-lhes ordenados sem autorização legal, gastam o dinheiro que querem sem o menor caso de responsabilidade, pela certeza que tem de que quais quer que sejam os dispares que pratiquem, serão sempre apreciados; e o assassinato vai diariamente fazendo cair ao tanimó muitas e preciosas vidas; e os assassinos se não são os mesmos que estão encarregados de garantir a vida do cidadão, sao por elles protegidos com todo escândalo e descaramento!

Uma sociedade que se acha como a nossa, não se reorganiza com facilidade; é mister que haja uma vontade forte e energica, que não respeite considerações; e que julgando na mesma esteira o assassino, e ladrão, e introductor de sedutias falsas e africanas, o emigrado venal e corrupto, a autoridade que abuzar de seu poder, ofendendo e calcando a pé os direitos e garantias dos cidadãos, faça com que a constituição e as leis sejam uma realidade, e que a honra e merecimento substitua a immoralidade, a prostituição, e perversidade; ainda assim essa vontade forte e energica precisa de ser muito secundada dos esforços dos homens bons de todas as crenças para que possa com proveito levar a effeito a obra da reorganização.

Ninguem ha hoje que, pensando no estado em que se acha o Brazil, não reconheça, por mais extremado que seja, em partidu, que a actualidade não pode ser pior, não sendo possível continuar essa ordem de coisas sem um desmoronamento total ou mais cedo, ou mais tarde.

Se o Brasil não se encontra desmoralizado; se a justiça e a honestidade não forem nomes vãos, sem significação na sociedade, nos seguidos a opinião de um de nossos melhores estadistas, entendemos que essa desmoralização é filha principalmente das leis, que se não acham certamente em harmonia com o carácter e índole do povo, e mesmo algumas com a ilustração e progresso do século, em que vivemos.

Uma reforma mais radicel em nossas leis organicas e administrativas é de absoluta necessidade. Mas como efectual-a? Os meios marcados na constituição serão suficientes e suficientes? Os poderes políticos quererão realizar-a? E quando o espírito de partido for tão rego, que desconfia e se opõe aos dezojos e felicidade da Nação, como se poderá realizar o desideratum da mesma. Não o, sem que a ordem pública sofra desgraça alguma?

Procuraremos examinar estas questões em um outro artigo, que faremos publicar, se tivermos vida e saúde, e se a redacção do *Reformista* o consentir.

P. G.

#### Anuncios.

O Secretario da Ordem 3a. do Carmo faz publico, que em virtude das copiosas chuvas, que tem havido esta semana e outras circunstâncias particulares, fica mudada para o dia 21 do corrente a Procissão em triunfo da Imagem do Senhor Bom Jesus da Agonia, que se acha depositada na Igreja do Colégio; cuja Procissão estava anunciada para o proximo Domingo 14 do presente.

Na noite de 24 de Maio do corrente anno de 1850, fugiu do sitio denominado - Monte Belo - em o engenho Pau-amarelo da comarca de Goianha, um escravo criollo de nome Marcos, o qual tem os signaes caracteristicos seguintes: representa ter a idade de 35 a 39 annos, pouco mais ou menos, de altura regular, grosso do corpo, e calha retinto, tem a cara larga, bexigosa, carecida, e sem barba; as ventas arregaladas, e a faila descançada, e um pouco arrastada; foi escravo da Mai de um tal Pedrinha, preso na Paraibyba, a qual mora salvo o engano, em Campina Grande, e depois de Antônio da Costa Almeida; estuma em fugidas semelhantes procurar aquelle lugar de Campina Grande, e ha quasi certesa de que ali se acha acostado, e guardado por quem quer que seja... porque ja foi visto e conhecido no lugá tres ou quatro dias depois da fugida, e posteriormente no mesmo lugar de Campina Grande. Por tanto protesitando-se proceder contra quem lhe tem dado guarida, recomenda-se, e roga-se a todas as autoridades policiais, e capitães de campo de Campina Grande, e outros lugares da província da Paraibyba, que tiverem noticia da estada, ou passagem do dito escravo, o fijao e meter, e entregar ou no sitio supra ao tenente-coronel Teajano Olimpio da Cunha Gouveia, ou no engenho Tabors, ou major Félix de Mello, Azédo, o qual quer capitão de campo, ou pessoa do novo, que realizar a prisão e entrega que se recomienda, será generosamente recompensado.